

Vasco Pinto de Magalhães, sj

O MAL E O DEMÓNIO

De que estamos a falar?

(2.^a edição)



EDITORIAL AO

Na Capa

O Desnudamento de Cristo

Doménikos Theotokópoulos (El Greco)

1577

Sacristia da Catedral de Toledo

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Gráfica Almondina de Progresso e Vida

Depósito Legal n.º

560423/26

ISBN

978-972-39-1039-1

1.^a edição

Junho de 2017

2.^a edição

(1.^a na Editorial AO)

Fevereiro de 2026

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO
Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443
www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@rmop.pt

O(s) Príncipe(s) deste mundo

(Jo 12, 31; 16, 11)

Vasco Pinto de Magalhães, sj

Aos príncipes deste mundo, aos «pais da mentira», como Jesus lhes chama no Evangelho de São João (Jo 8, 42-44), a todas as entidades que nos diabolizam (enganam e dividem), é sempre necessário, em cada época histórica, desmascará-los, denunciá-los e comprometer-nos em estratégias de bem que vencem o mal.

Mesmo sabendo que Jesus venceu o mal com a sua entrega de amor por nós, pela sua morte e ressurreição, nunca se pode descurar a necessidade de cada geração fazer a sua parte, na adesão a Jesus Salvador, interrogando-se e, corajosamente, enfrentando: onde estão, como agem, no nosso tempo, os príncipes deste mundo?

Quando o dinheiro cega, se torna a grande aspiração que garante o poder e o prazer e justifica passar por cima de toda a justiça e verdade...; quando o economicismo destrói a natureza e descarta pessoas...; quando o poder garante o prestígio individual ou de grupo em nome de ideologias políticas e/ou religiosas fanáticas, em vez de servir a realidade e as pessoas, e justifica a violência, seja a do terrorismo da corrupção dos valores, seja a das bombas contra inocentes...; quando o sucesso e a autossatisfação rápida desvalorizam o trabalho e a educação, vendo no outro, não um irmão, mas um concorrente a abater... Aí temos os «Príncipes encantados», as Idolatrias mascaradas, substitutos baratos de Deus-Amor: fontes do mal e da mentira.

Qualquer idolatria é um falso deus que come os seus adeptos. A idolatria só se mantém à custa da mentira. E a mentira só se aguenta com a violência. A violência engorda a idolatria. Eis o ciclo do mal. Ciclo vicioso, infernal. Como invertê-lo?

Esta questão é atual. O desafio é premente e começa, mais uma vez, a gerar medos e fugas. Parece que nos roubam o futuro. Por

tudo isso, pode fazer sentido republicar as reflexões que se seguem. São textos que já foram publicados em outras ocasiões¹ e andavam dispersos. Mas a *Tenacitas*, alguns amigos e eu próprio pensamos que, reagrupados e em nova apresentação, possam ser um serviço. Não tanto para seguir como receitas, mas para recuperar o pensamento crítico e a esperança que nos podem ajudar, em Igreja, com novo ânimo e alegria, na missão de sempre: vencer o mal com o Bem.

24 de maio de 2017

¹ Cf. a indicação da sua proveniência na pág. 147.

Deus e o Mal, uma equação impossível?

Pedro Miguel Lamet, sj

Que o mal existe no mundo é um facto evidente e incontestável. Basta ligar a televisão, ouvir a rádio ou ler os jornais e qualquer outro meio de informação *online*. Os desastres naturais, a injustiça, a desigualdade, a guerra, o terrorismo, a doença e o sofrimento que nos sucedem ou que o homem causa ao homem de mil maneiras. O grande problema da filosofia e da teologia de todos os tempos é como conciliar a existência de um Deus de infinita bondade e misericórdia com esta realidade dolorosa e angustiante. Um problema tão antigo que já levava Epicuro a fazer as seguintes perguntas: «Deus quer impedir o mal, mas não é capaz? Então não é onipotente. Ele é capaz de impedi-lo, mas não

quer? Então é malévolos. É capaz e quer impedi-lo? De onde, então, surge o mal? Não é capaz ou não quer impedi-lo? Então porque chamá-lo Deus?».

A persistência da questão do mal recrudescceu no nosso tempo, no contexto dos horrores das guerras mundiais, e fecundou o pensamento de existencialistas como Sartre e Camus, que chegaram a classificar a vida humana como um absurdo. Hoje prossegue esta controvérsia, que toca o mais essencial da nossa existência.

Se a este cúmulo de contradições acrescentamos o diabo como a personificação do mal na cultura cristã, complica-se uma possível resposta. Se existe, já que aparece nos textos bíblicos, como é que Deus permite a existência de um anti-Deus? É um mero símbolo cultural ou uma pessoa real que age no mundo?

Dado este conjunto de perguntas e dúvidas, o leitor pode imaginar a surpresa que tive ao saber que Vasco Pinto de Magalhães pensava publicar um livro sobre estas questões. Antes de mais, porque supõe uma grande valentia enfrentá-las no mundo incrédulo e secularizado em que vivemos. Mas, principalmente,

porque os crentes já não se satisfazem com respostas fáceis, como «deves acreditar naquilo que a Igreja acredita» ou ««é um mistério e os mistérios não podem ser explicados».

É curioso que o Papa Francisco, uma figura eclesial que tem um enorme impacto no mundo contemporâneo pela sua sensibilidade aos grandes desafios do nosso tempo, a sua abertura, a sua proximidade com os mais fracos e as vítimas, com um sabor ao autêntico Evangelho, cita de vez em quando o diabo com toda a naturalidade. A que diabo se refere?

Confesso por isso ter aberto com alguma perplexidade as páginas deste livro. Para mim, o padre Vasco tem a virtude de tornar inteligíveis para o leitor moderno as questões mais intrincadas e, acima de tudo, algo não muito característico dos ensaístas cristãos de todos os tempos, compreender a mentalidade do homem comum, usar as suas palavras, partir da sua sensibilidade. Não é um autor que responda com tópicos ou frases de catecismo, mas antes, sem evitar os aspetos mais complexos que desafiam a nossa fé, fala com as pessoas a partir da sinceridade e do coração.

À medida que lia a sua argumentação e as suas respostas, percebi que elas me interpelavam e conduziam a uma sabedoria que quebra os moldes e nos leva mais longe, ali onde o conhecimento é enriquecido pela intuição e a lógica dá lugar ao abraço da realidade, que é a melhor forma de compreender a vida e os segredos mais íntimos do nosso mundo.

Este livro é, portanto, um ato de coragem e, ao mesmo tempo, de respeito pelos seus leitores, que são tratados como adultos, para que pensem e descubram por si mesmos. É que, na questão do mal, como em tantas outras grandes questões da vida, existem zonas que só podem ser alcançadas a partir de meditação, do silêncio, numa dimensão a que as palavras não chegam, mas sim «um não sei quê», como diria São João da Cruz, que passa entre as palavras.

A atitude do leitor perante uma obra como esta é semelhante à que o evangelista Lucas descreve na passagem dos discípulos de Emaús (*Lc 24, 13-35*). Cléofas e o seu amigo estão em fuga, abandonam Jerusalém porque lhes caiu o mundo em cima, desmoronou-se o sonho deles, nada menos do que o seu

ideal de Messias, e um véu sobre os olhos impede-os de ver a realidade. Jesus apresenta-se irreconhecível a seu lado, como caminhante, e depois de uma terapia inicial, levando-os a expressar a sua dor com perguntas, explica-lhes as Escrituras, para que eles compreendam, ou melhor, saboreiem o seu sentido último. Mais tarde, eles confessariam: «Como ardiam os nossos corações». Nessa frase e no momento do abraço, na refeição ao entardecer, ao partir do pão, acabam por ver claro, por «reconhecer» Jesus.

É algo semelhante aquilo que o padre Vasco consegue suscitar nos leitores com este livro. Não nos dá uma resposta racionalista às questões do mal e do diabo e também não nos remete para o habitual «é isto que devemos acreditar, ponto final», mas faz-nos saborear as melhores respostas a partir do texto bíblico, para darmos o salto por nós próprios e vermos a partir da perspectiva da ressurreição, ou seja, a partir do amor e da proximidade a um Deus maior do que nós.

Creio que na questão do mal, como na do diabo, vivemos de caricaturas. As pessoas gostam com frequência que tudo seja reduzido a

bonecos de trapos para os derrubar com bolas de borracha, como numa barraca de feira. Um Deus barbudo que criou o seu teatro de marionetes para nos manipular através do envio de acidentes, guerras ou tipos variados de cancro, e um demónio com chifres, arrancado de vinhetas de banda desenhada, que nos tenta. Lembro-me de algumas ilustrações dos antigos catecismos: as representações infernais de demónios dentro dos caldeirões a ferver rodeados por belas mulheres eram muito mais divertidas do que os anjos do Céu, entre nuvens, tocando aborrecidas liras. De tal modo que concluíamos: «Assim, eu quase preferia estar no inferno!».

Sejamos sérios. Nem Deus é uma realidade inteiramente transcendente, nem tampouco imanente: «Nele nos movemos, existimos e somos» (*At* 17, 28); e «Ninguém viu Deus, mas só o Filho unigénito, que está no seio do Pai, é que o deu a conhecer» (*Jo* 1, 18). Talvez porque nós também somos centelhas de Deus, estamos n'Ele, o que levou o grande paleontólogo jesuíta Teilhard de Chardin a afirmar: «Tudo o que acontece é adorável». Por isso, temos de ampliar o nosso conceito de Deus e, a partir

dele, ser capazes de ver, mais do que entender, as aparentes contradições do nosso mundo.

Devemos insistir ainda mais sobre isto no que se refere à questão do diabo. Lembro-me de que um conhecido exorcista da diocese de Paris, quando lhe perguntavam se tinha alguma experiência concreta do diabo, costumava responder que noventa e nove por cento dos pretensamente possessos que recorriam a ele podiam curar-se com uma boa refeição. No caso das possessões, como em muitos outros casos de violência, o cinema e a televisão têm tido uma influência decisiva. Os filmes de terror tornaram-se numa moda e os exorcismos são um subgénero muito rentável. É mais fácil acusar um demónio com chifres do que denunciar um político corrupto, as injustiças das multinacionais ou o ódio terrorista à solta nas fronteiras europeias. Se quiserem saber, eu estou convencido de que estes demónios existem. O que acontece é que eles andam perfumados, vestidos com fatos e gravatas de marca.

Espero que estas palavras simples possam servir para o mais importante: aguçar o apetite dos leitores para lerem este novo livro do meu amigo e companheiro jesuíta Vasco Pinto

de Magalhães. Lê-se muito bem e é como um foco de luz que nos ilumina um mundo obscuro, apresentando-nos uma argumentação convincente que, sem dúvida, suscitará uma posição pessoal nossa mais esclarecida perante estas questões difíceis. Mesmo àqueles mais cétricos quanto à possibilidade de uma resposta a estas questões, também lhes recomendo a leitura deste livro, porque viver é não desistir de perguntar. E, em todo o caso, que uns e outros pratiquem essa bela oração evangélica, que nenhuma doutrina pode substituir: «Senhor, faz que eu veja», porque «ver» vai muito para além do «entendimento», como o autor desta obra nos recorda.

Madrid, 5 de maio de 2017

Índice

<i>O(s) Príncipe(s) deste mundo</i>	7
Vasco Pinto de Magalhães, sj	
<i>Deus e o Mal, uma equação impossível?</i>	11
Pedro Miguel Lamet, sj	
I. O mal no mundo de hoje	19
1. <i>Os males de sempre</i>	20
2. <i>E Deus não faz nada?</i>	26
3. <i>Perplexidades perante o mal</i>	31
4. <i>Mal de fundo</i>	35
5. <i>E, então, Cristo?</i>	43
6. <i>O mal profundo</i>	46
7. <i>A vitória de Cristo</i>	53
II. O Demónio. De que estamos a falar?	59
1. <i>A questão do Demónio</i>	61
De quem estamos a falar?	61
A «queda dos anjos»	62
Vocabulário	65
Será Pessoa?	67

2. <i>Mas o Diabo existe ou não?</i>	68
Algumas opiniões atuais	68
Mas qual é a grande astúcia?.....	70
Assim, podemos propor uma atitude e uma opinião	75
E o que diz o Magistério da Igreja? ..	77
Será então possível tomar uma posição?	79
3. <i>Em busca de uma fundamentação e do sentido teológico do Demónio</i>	81
Análise de alguns textos evangélicos	81
Revelação de Deus e das verdades da fé.....	83
Todas as verdades (da fé) ou são cristológicas ou não são verdades da fé	83
O mistério da iniquidade	84
4. <i>Pistas para avançar a reflexão</i>	85
A condição humana e as projeções do ser caótico	85
O demónio como «anjo mau»	87
Discernimento dos espíritos	89
O essencial é a vitória de Cristo.....	89
Só a vida trinitária erradica o demoníaco	90
Bibliografia	92

Índice

III. Demónio, Diabo, Satanás.....	95
<i>Conversa com Henrique Manuel Pereira</i>	
IV. Exorcismo e exorcismos	127
<i>Conversa com Henrique Manuel Pereira</i>	
<i>Proveniência dos textos</i>	<i>147</i>
<i>Índice</i>	<i>149</i>